

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 54, fevereiro 2020, Editorial]

**Saúde do Trabalhador:
*Quem me leva os
meus fantasmas***

Fantasmas povoam os dias e as noites dos trabalhadores. Especialmente daqueles que não tiveram acesso a rendas familiares médias que lhes propiciassem condições mínimas de uma vida digna desde a infância. E que lhes possibilitassem acesso a uma educação plena, capaz de lhes oferecer melhores opções de trabalho. E que lhes impedissem de trabalhar desde a idade mais adequada. E que lhes oferecessem moradia e atenção à saúde condizentes com direitos humanos básicos. E que lhes protegessem de uma ordem social que lhes atravessa com violência, racismo e um machismo estrutural. Ou seja, a maioria dos trabalhadores brasileiros vê-se hoje rodeada de fantasmas. O fantasma do desemprego, o fantasma da miséria, o fantasma da fome... e tantos outros ... fantasmas ... Fantasmas não são tocáveis. São sombras que pairam e aterrorizam. Invisíveis, estão presentes causando medo e sofrimento. O Brasil hoje é a pátria dos fantasmas. Fantasmas fascistas, fantasmas da violência contra as mulheres, contra os negros, contra os milhões de brasileiros vivendo em comunidades precárias. Fantasmas das enchentes, fantasmas que assombram os índios, os ribeirinhos, os camponeses humildes, os desalojados, os sem-teto e sem-terra, as marisqueiras, os pescadores artesanais, os expulsos de suas casas e de suas terras. [Pedro Abrunhosa](#), cantor e compositor português, nascido em 1960, entende de fantasmas. A música [Quem me leva os meus fantasmas](#), cantada por [ele](#) ou por [Maria Bethania](#) é a trilha sonora de uma tragédia que se abate, pouco a pouco, sobre os trabalhadores e, claro, sobre sua saúde.

*De que serve ter o mapa / Se o fim está traçado
De que serve a terra à vista / Se o barco está parado
De que serve ter a chave / Se a porta está aberta
De que servem as palavras / Se a casa está deserta?
Aquele era o tempo em que as mãos se fechavam
E nas noites brilhantes as palavras voavam
Eu via que o céu me nascia dos dedos
A urso maior eram ferros acesos
Marinheiros perdidos em portos distantes
Em bares escondidos / Em sonhos gigantes
A cidade vazia da cor do asfalto
Alguém me pedia que eu cantasse mais alto
Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me salva desta espada?
Quem me diz onde é a estrada?
Aquele era o tempo / Em que as sombras se abriam
Em que homens negavam o que outros erguiam*

*Eu bebia da vida em goles pequenos
Tropeçava no riso, abraçava de menos
De costas voltadas não se vê o futuro
Nem o rumo da bala / Nem a falha no muro
E alguém me gritava com voz de profeta
Que o caminho se faz entre o alvo e a seta*

Os ingredientes para transformar o Brasil numa mansão mal-assombrada estão dados. A combinação promíscua entre igreja e governo evoca fantasmas da Idade Média. O caminho árduo percorrido, durante séculos, para separar Igreja e Estado, desde o Huminismo europeu, iniciado lá pelo século XVI, corre riscos de ser despavimentado no Brasil.

*Quem leva os meus fantasmas?
Quem me salva dessa espada?
Quem me diz onde é a estrada?*

Os direitos trabalhistas iniciados na Revolução Industrial, há mais de duzentos anos, foram conquistas que, mesmo tímidas, tentavam diminuir a voracidade inesgotável do capital. Muito suor, muito sangue e muita luta da classe trabalhadora foram, pouco a pouco, trazendo alguns ares mais puros para renovar o enfrentamento da opressão no trabalho.

Um pouco de oxigenação no ar irrespirável da exploração do trabalho. Pois, agora, incredivelmente, tudo se desmilingue como castelo mal-assombrado de cartas.

*Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me leva os meus fantasmas?*

Quem me salva desta espada e me diz onde é a estrada?

Os direitos previdenciários que há mais de 100 anos passaram a fazer parte da vida dos trabalhadores, garantindo-lhes pensões, aposentadorias, amparo na doença, entre outros, estão sendo aniquilados a tiros de fuzil. E o pior é que aos jovens que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente os que se consideram empreendedores individuais, não lhes parece tocar esse tipo de direitos. Não lhes importa a luta secular dos trabalhadores para os conseguirem a duras penas. Talvez, em sua maioria, os jovens nem saibam. Há um fantasma do futuro desamparo à espreita.

*Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me salva dessa espada?
Quem me diz onde é a estrada?*

Enfim, um modelo econômico cada vez mais concentrador de riqueza e excludente, combinado ao combate sistemático da cultura, da arte livre, da imprensa investigativa e crítica, da liberdade de culto, da diversidade, dos direitos humanos e à defesa de um Estado violento e legitimador de frentes de barbárie que, a olhos vistos, se aproxima cada vez mais do nosso cotidiano. Para onde estão nos levando iremos como carneiros ao sacrifício?

**Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me leva?**

